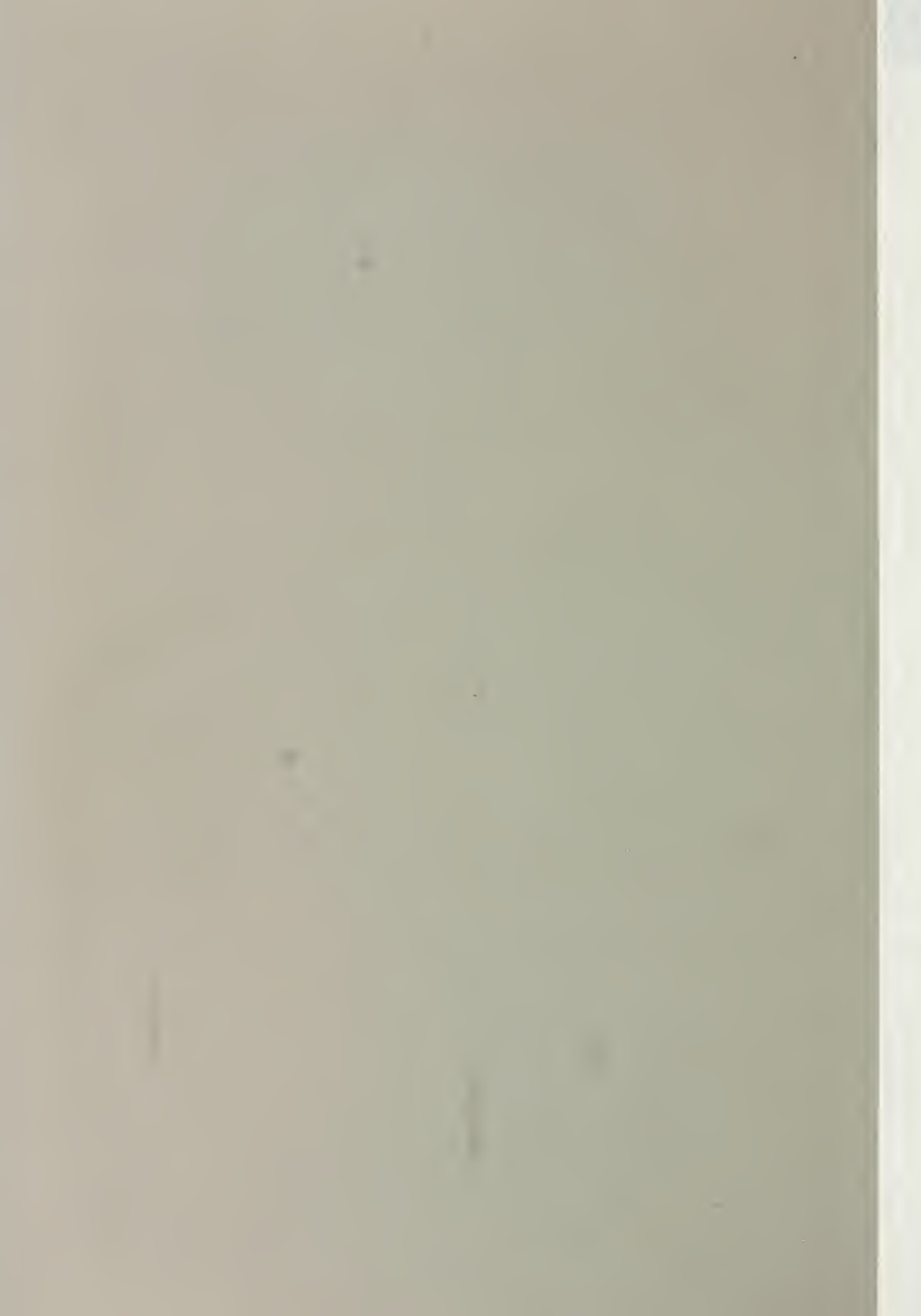




3 1761 07048390 4

Braga, Theophilo
Os doze de Inglaterra

PQ
9261
B68
D72



COMMEMORAÇÃO CENTENARIA DO NASCIMENTO DE GARRETT

4 de Fevereiro de 1799

Os DOZE
DE INGLATERRA

POEMA

POR

THEOPHILO BRAGA

EXCERPTOS

PROEMIO NARRATIVO — INVOCAÇÃO LYRICA

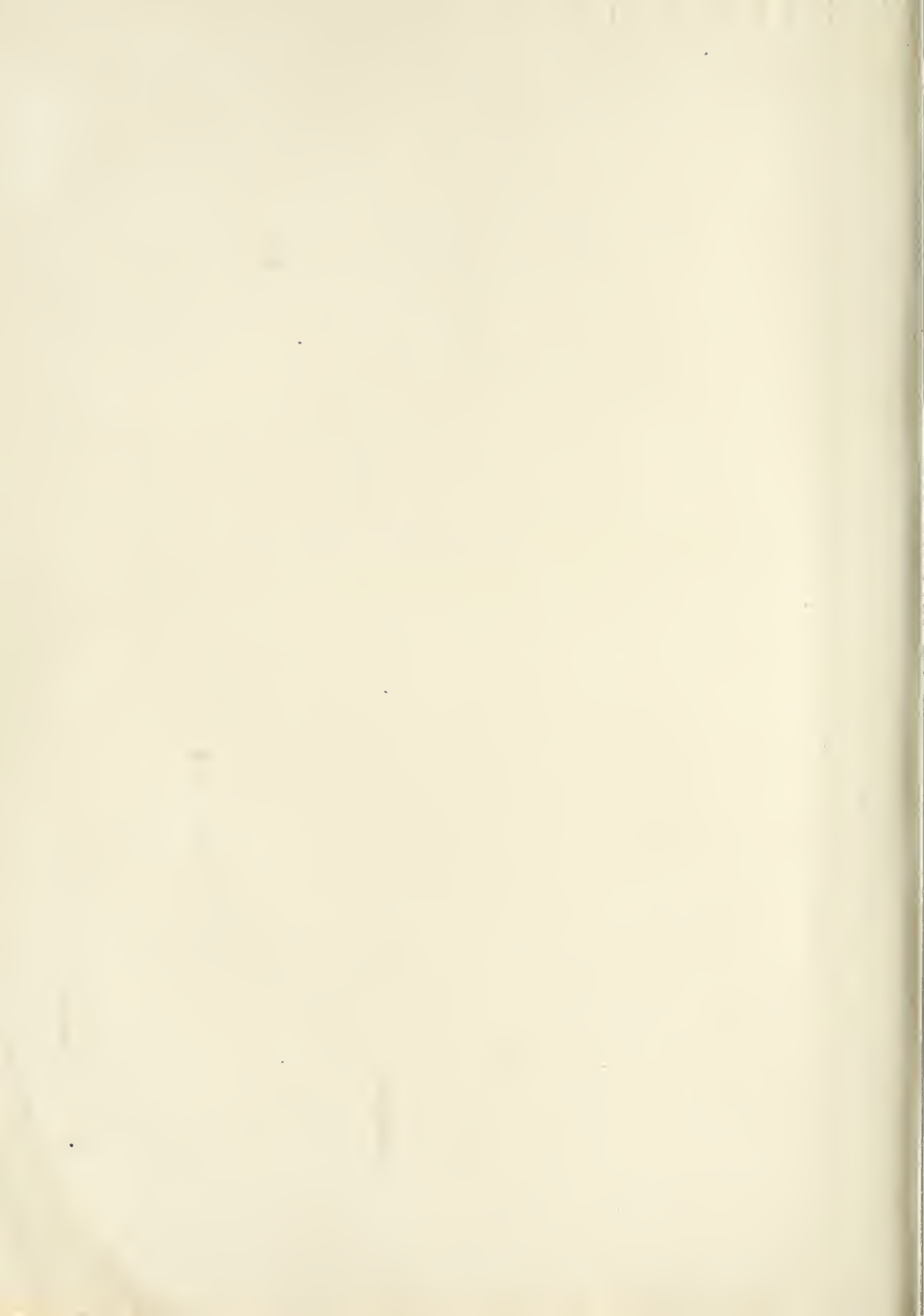


LISBOA

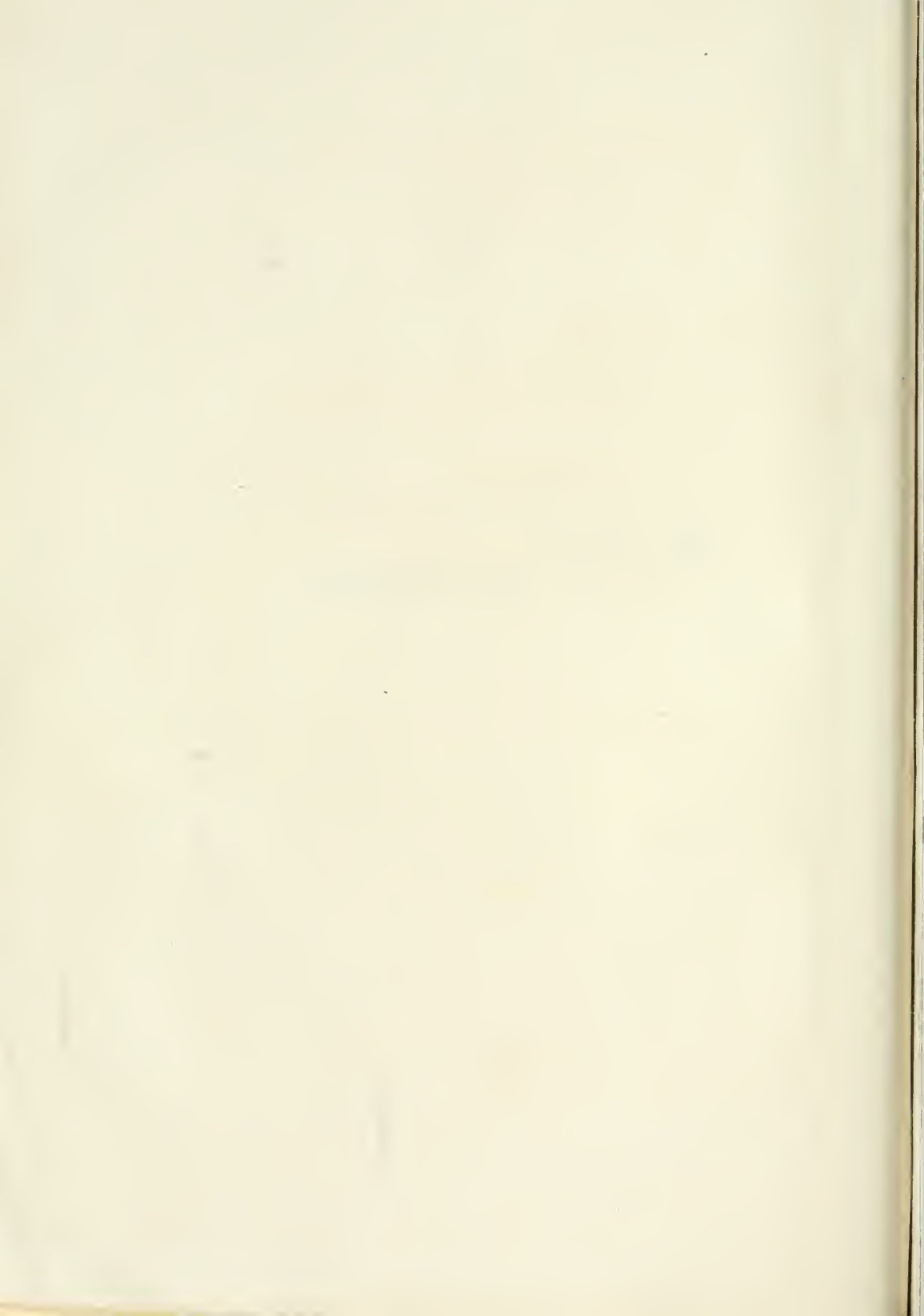
Por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias

1899

Livraria
Sá de Costa
LISBOA



OS DOZE
DE INGLATERRA



COMMEMORAÇÃO CENTENARIA DO NASCIMENTO DE GARRETT

4 de Fevereiro de 1799

Os DOZE
DE INGLATERRA

POEMA

FOR

THEOPHILO BRAGA

EXCERPTOS

PROEMIO NARRATIVO — INVOCAÇÃO LYRICA

LISBOA

Por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias

1899

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto
630132.



PROEMIO

QUEM ha hoje que crêa
N'isto de almas penadas?
Por mim, liberto de uma tal ideia,
Da obsessão das cousas do outro mundo
Que amedrонтára as gerações passadas,
Tinha-a como ridicula, irrisoria;
Agora não! . . . Vereis em que me fundo.
Peço licença; entremos já na historia:

Um vulto magro, com o olhar sombrio,
De nariz afilado, unctuosos, esguio,
Cheio de dignidade, postulante,
Com incerto sorriso, poz-se diante
Da minha meza de trabalho, e falla
Uma estranha linguagem que me abala
Pelo influxo dos mysteriosos sêres:

«Cavalheiro! Eu sou Mestre Pero Perez,
Graduado na sacra Theologia
Pela Universidade de Siguença;
Venho á vossa presença,
Direi o que queria.

No mundo, sabel-o-heis, quanto é fallado
Esse Cura manchêgo celebrado,
O austero sacerdote,
Que arrojou no quintal de Don Quijote
De uma fogueira á irremissivel chamma
As Novellas que tinham maior fama

De altas Cavallerias?

Com boa fé fiz estas tropelias,
Não porque eu fosse um chatarrão ou tolo,
Mas só por terem dado volta ao meôlo
Do Cavalleiro da Figura triste,
Que á pobreza, á desgraça não resiste
Absorto em tanto engano!
Quiz salvar este meu parochiano,
E comprazer com a infeliz sobrinha
Que em lamurias constantes me entretinha.

Mas . . . Tudo a aziaga sorte me invertia!

Essas Novellas de Cavalleria,
Contra as quaes se revolta o meu bom senso,
Eram exemplos de heroismo immenso,
Da protecção aos fracos pelo forte!

Quando, emfim, me averguei á lei da morte
E parti d'este mundo, oh desventura,
Não encontrei a páz da sepultura,
Nem pode algum funéreo responsorio
Guiar minha alma para o Purgatorio;

Achei-me condemnado a andar errante
No mundo, para traz e para diante,
Castigo, expiação rude
Por extinguir exemplos de virtude
N'essas Novellas de Cavalleria,
Da Justiça, do Bem espelho e guia.
Das peregrinações sentindo o tédio,
Vendo que o termo da expiação me tarda,
Interroguei o Anjo meu da Guarda,
Que me diga: Se existe algum remedio
Com que fosse minha alma despenada?

Volveu:

— Na bemaventurança entrada
Tens por certo, se na terrena vida
De covardia e sordido interesse,
Algum Poeta ingenuo se atrevesse
A restituir á admiração devida
As Novellas em que ninguem já pensa
Sem desdem, pela estúpida sentença
Com que ao auto de fé as condemnaras. —

Lembrei-me então, que da fogueira raras
Foram as Obras que escaparam . . . Mas

Esse *Amadis de Gaula* portuguez,
A flor das flores da Cavalleria,
Especial excepção me merecia!
Do meu bom gosto agora não me jacto;
Talvez, por este facto,
Pode algum poeta portuguez, acaso,
Ter compaixão de mim, e restituindo
As Novellas á sympathia antiga,
Assim, assim dê aso
A que o negro fadario seja findo,
E da minha alma em pena a atroz fadiga.

Nos meus errores pelo mundo insanos
Vim pois a Portugal ha setenta annos,
E a GARRETT expuz os meus tormentos.
Condoeu-se de mim! Que sentimentos
Ao Poeta inspira um amoroso fogo!
Para me despenar, um Poema logo
Da Tradição dos *Doze de Inglaterra*,
Que o ideal da Cavalleria encerra,
Começou, dando vida ao heroico thema.

No seu final estava quasi o Poema;
(Fatalidade que persegue a um morto!)

Trazido dos Açores para o Porto,
O navio em que vem se submergia,
Mettido a pique pela artilheria
Do miguelino Cêrco, a que incita
A hora do saque da Cidade invicta!
Perdeu-se o Poema, quando entrava a barra;
Magoado o Poeta esta desgraça narra;
Só eu comprehendo essas palavras sérias,
Continuando um fadario de miserias.

Bem tarde tive alfim conhecimento
De quanto admiras o genial portento,
E a perda sentes d'essa excelsa joia;
Como é pois natural, não perdi boia,
E o antigo pedido hoje renovo:
Não é para fazeres Poema novo!
Basta dar luz ao Poema que se occulta,
Que então minha alma assim liberta exulta.»



Ouvindo estas palavras, isto tudo,
A sombria figura eu fitei mudo,
De Mestre Pero Perez a presença,
Do Theologo graduado por Siguença!
Julguei ter ante mim algum maluco
Fugido a Rilhafolles. Já retruco:

— Eu estou prompto, Mestre Pero Perez,
A trabalhar na empreza que quizeres,
Sendo a libertação vossa o pretexto;
Mas, como posso adivinhar o texto
Do Poema dos *Doze de Inglaterra*,
Perdido, quando a nave ao Porto aferra, . . .
Lá no fundo do mar ha tantos annos?

« Eu vos descobrirei esses arcanos,
Patenteando o Poema ideal, sublime!
(Diz o graduado por Siguença.) Ouvi-me:
Sabei, que ao afundar-se esse navio

Que trazia o Poema, lhe accudiu
A Rainha das Fadas, pressurosa,
Titania, bella mais que a fresca rosa;
Com o Ramo de Lirios, que fascina,
Tornou em vólta a agua cristalina
Em fórma de uma urna surprehendente;
Guardou dentro o Poema, reverente!
Não contraria em nada a Sciencia isto;
Sob as grandes geleiras tem-se visto
Typos primévos, antediluvianos,
Que se conservam ha milhares de annos.
A Natureza aos seculos vindouros
Ensinou a guardar os seus thezouros.
Podeis lêr esse Poema linha a linha,
Se Titania, das Fadas a Rainha,
A uns olhos, que o véo mortal conteve,
Com o Ramo de Lirios toque leve. . . »

Crendo que Mestre Pedro com tal rogo
Me estava disfructando, disse logo:

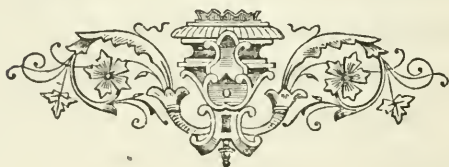
— Já não é pouco a minha transigencia
Com as almas penadas! acquiescencia
Dou aos sonhos de Fadas espontanea;

Emfim, se conseguires que Titania
Tocando-me com o Ramo seu de Lirios
Me leve a vêr na mente mil delirios.—

Sorriu-se o Licenciado. O ár me opprime,
Não sei bem o que se passou; senti-me
N'uma atmospherá que fascina e enleva,
Immovel, sem que um passo a dar me atreva;
Por momentos a vista se me offusca!
Pela frente perpassa uma aura brusca
De frescura indizível, um perfume
Como a presença incognita de um nume.
Na visão subjectiva toma vulto
O que aos olhos mortaes estava occulto:
 N'uma oceanica furna
Eu vi grandiosa a cristallina Urna
Que se me abriu; eu puz a mão no Poema,
Na surpresa da admiração suprema!
Li. . .

Acordando inesperadamente,
Achei-me á mesa de trabalho. Em frente
De Mestre Pero Perez a figura
O meu olhar attonito procura;

E esse vulto que alli ante mim vira,
Como doentio sonho se esvaíra!
Na aérea decepção busco equilibrio,
Que importa? Da illusão não fui ludibrio,
A imaginação não mais aberra,
Se ainda de longe nos meus versos brilha
A impressão da ignota maravilha,
Do Poema dos *Doze de Inglaterra*.





INVOCAÇÃO

Ficções encantadoras, deliciosos.
Contos da antiga Armorica, Lais bellos,
Lendas, Triadas, Chronicons piedosos,
Sonhos de amor ingenuos e singelos,
Feitos do Rey Arthur imaginarios,
Cantados pelos Bardos solitarios;
Quando prendiam da barbárie os élos
A Europa, em lucta de tristeza e espanto,
Vós trouxestes ás almas puro encanto.

Vós ensinastes a galanteria
Pelo enlêvo da feminina graça!
Destes um ideal á valentia,
Aos Bardos a expressão do sentimento
Da independencia de opprimida raça.
Das edades, do sepulchral moimento
Evocando bem viva a Tradição,
Trouxestes apoio forte na desgraça
Da saxonia invasão.

Oh, deixae-me pousar sedentos labios
No mysterioso cymbio do Graal Santo,
Onde se prova o travo
Que nos torna prophetas, vates, sabios,
Que nos liberta do lethal quebranto,
E nos dá da immortalidade o favo!
Quando hoje se decáe na idolatria
Do vil Bezerro de oiro,
Affasta-nos do estólido desdouro,
Guiando-nos ás fontes da Poesia!

Merlin, traze-me o dom da prophacia
Para vêr se do Luso a antiga gloria,
 Se esta pequena Terra
Se tornará suprema ainda na Historia!
Percival, Lancelot, Flores, Tristão,
Nas vossas almas todo o amor se encerra;
N'este egoismo da sociedade em guerra
Vinde-nos aquecer o coração.

Deixae-me em vosso seio hoje sonhar,
Vós, oh bella rainha Gwenivar,
Brancaflor e Yseult sem ventura,
 Que achaes tanta doçura
 N'um amor infeliz!
 Vinde, Fadas gentis,
 Morgane e Viviana,
Pois tendes do encantamento o dom
Nos sonhos amorosos de esperança;
Lá quando a realidade a alma nos cansa,
Arrebatae-me á Ilha de Avalon,
Para esses palacios de esmeralda,
Ou do Monte Salvat levae-me á falda.

N'esta gehena de odios
De um seculo que expira
Da força bruta nos sangrentos brodios,
Para o espirito do desalentado
Quando incerto delira,
Como um refugio ostenta-se o passado ;
Do Amor, Valor e Honra os episodios
Dão-nos contra as miserias do presente
Da Poesia o sonho absorvente.



Ficções consoladoras,
Que os roqueiros castellos
Sombrios, solitarios,
Povoastes de tantos vultos bellos!
Abri-nos os cancellos
D'esses caminhos tortuosos, varios,
Que levam á região de outras auroras.

A seducção das vossas maravilhas,
Por esse Tenebroso Mar profundo
 Que ao Luso não aterra,
Fez-nos buscar as Encantadas Ilhas,
 E desvendar um mundo,
Dando ao homem pôsse integral da Terra.
Quando de Portugal murchas as palmas
Caiu no cativo castelhano,
 Pelo suave engano
 Do poetico mysterio
Das ficções, nos fortificou as almas
Entrevendo a visão de um Quinto Imperio.

N'este tremendo e funebre momento
Em que um Povo deslisa para a vala,
 E apathico se cala,
Sem ter a consciencia do seu fim;
Quem podesse vibrar o sentimento
Das harpas de Taliésin, de Aneurin!
Quando do paroxismo a hora avança
N'um hausto do Ideal dar-lhe esperança.



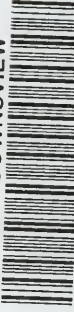
**PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
B68D72

Braga, Theophilo
Os doze de Inglaterra

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 03 20 01 012 3